

Escrita e TV

Nanani Sato

(Rede Estadual de ensino Pós Graduado do IEL Unicamp)

A linguagem verbal tem sido posta em questão como nunca: diante da poderosa investida dos meios de comunicação áudio-visual fala-se em crise de linguagem, principalmente da escrita. O poder de comunicação da imagem estaria solapando a comunicação verbal, levando-a à desarticulação.

A questão dos meios de comunicação de massa não se desliga da questão ideológica, na medida em que eles veiculam, fundamentalmente, conteúdos mascaradores da realidade econômica, visando ao conformismo, à cristalização de crenças, atitudes e hábitos. Pretender, por isso, vincular determinada produção escrita aos meios de comunicação de massa não passa de uma atitude simplista. Mostrando dessa atitude são frases como: "Os adolescentes escre-

vem mal porque quase não lêem, só vêem TV", "A TV é deseducadora, induz à preguiça, ao raciocínio lento" e por aí afora.

Os media vieram para ficar: não se vislumbra a possibilidade de que sejam descartados; ao contrário, a sofisticação tecnológica aumenta. O vídeo-cassete, o vídeo-texto que o digam. Nossa escola não pode mais negar a realidade, esconder a cabeça na areia e sentir nostalgia dos velhos tempos em que os alunos liam mais e escreviam melhor. (Será que liam mais mesmo? Será que escreviam melhor?). Conhecer o mecanismo de atuação dos mass media e seus prováveis reflexos sobre o desempenho verbal dos alunos poderá fazer com que os professores vislumbrem a possibilidade de utilizar os media a seu favor e a favor dos alunos -

a favor da leitura e da escrita.

A linguagem televisiva possui um ritmo peculiar: rápido, efêmero, pretende dar a ilusão de simultaneidade e, paradoxalmente, propõe suspensão temporal. Perder a consciência do fluxo temporal significa esquecer os problemas de uma existência baseada na liberdade de fazer projetos, de assumir o curso da própria vida. Haverá maior exercício de suspensão temporal do que o existente em seriados americanos, telenovelas? O mito do final feliz eterniza um momento de ventura, não insere o espectador no ritmo histórico...

Do ritmo, da suspensão temporal decorrem outras características do signo televisivo, como o caráter indicial do código que apenas aponta, mostra,

indica, oferecendo algo já conhecido. Qualquer inovação entra leve e vagarosamente no mundo dos media que não oferece revelações, apenas constatações superficiais.

O que vemos no quadrado luminoso da tela se o vídeo se presta pouco a grandes cenas, amplos painéis, personagens numerosas?

Vemos, predominantemente, um objeto que constitui o tema central, detalhes a ele integrados. O intimismo que a TV busca apóia-se na família como grupo espectador e em cenas que se passam em interiores domésticos: salas e quartos funcionam como pano de fundo para cenas curtas em que se destacam os diálogos. "A comunicação real (a conversa, o diálogo) atribui tal importância ao elemento verbal, que este termina impondo-se, na tevê, ao visual", diz Muniz Sodré ("O Monopólio da Fala", p.74) - eis uma afirmação que nos leva a repensar o lugar comum "civilização da imagem".

Se o elemento verbal acaba impondo-se na TV, de que tipo de verbalização se trata? Da oral, sem dúvida, que não se

confunde com a linguagem espontânea do cotidiano, embora a fala incorpore muitos de seus elementos. Estamos diante de uma "língua oral de TV", "normalizada", "normativizada", algo vagamente artificial que convém conhecer melhor. O problema da fala televisiva é seu caráter monológico que controla ideologicamente a fala, isto é, a possibilidade de resposta do ouvinte.

Outro componente do código é o estilo em mosaico: sequência de flashes da realidade compõem um conjunto porque cenas muito longas tornam-se cansativas. A estrutura é a do fragmento, do detalhe, estritamente de acordo com o universo fragmentário da produção industrial.

O poder de persuasão da TV parece advir do fato de que "a escola impõe, a televisão oferece". (Milanese, "O Paraíso via Embratel", p.161). Para suprir o fosso existente entre o mundo da TV e da escola, um livro organizado por Mireille Chalvon propõe às crianças recontar o que foi visto na TV para que adquiram estruturas de linguagem mais elaboradas

que o diálogo. Para testar o alcance dessa proposta, pedi a um segundo colegial do noturno de uma escola da rede oficial de São Paulo que recontasse um episódio da série "Dallas". Um seriado supõe contato anterior com o programa e a apresentação por escrito requer informações organizadas para um leitor desinformado - exercício complexo e revelador do desempenho lingüístico dos alunos.

O seriado "Dallas" apresenta-se, um tanto antipaticamente, como a narrativa dos problemas de uma família milionária. Afinal nem são os pobres têm problemas... São três casais: pai e mãe e dois filhos com as respectivas esposas às voltas com suas desavenças, que se estendem a outros elementos da família. Diante da profusão de cenas e personagens, os textos revelaram a dificuldade de verbalização, de construção do nexos causal dos fatos, assim como de sua sequência e organização. A absoluta falta de elementos descritivos abarca personagens e cenários e implica reduzida capacidade de observação e detalhamento. Em se tratando de relato verbal de episódio de TV, a utilização de

recursos descritivos foi solapada pelas próprias características do veículo: a TV não nomeia os objetos, ela os mostra, o que torna desnecessária a descrição.

Solicitados a produzir um texto a partir da recepção de um programa, surgiu a necessidade de transpor uma narrativa codificada segundo princípios televisivos para outra codificada segundo princípios linguísticos, dificuldade com que não souberam lidar os alunos. A transmissão de TV aparece como algo pronto, difícil de reconstituir para um leitor deslocado no espaço e no tempo. O imediatismo da TV choca-se com o texto escrito que extrapola o momento.

Na caracterização dos textos, podemos ainda lembrar a existência de pequenos erros de informação, o nivelamento e seleção inadequada dos fatos, a linguagem impregnada de elementos da oralidade. Os alunos construíram invariavelmente períodos e parágrafos curtos, iniciados com nomes de personagens, num estilo bem televisivo. Expressões recorrentes como "ainda", "então", "essa pessoa" revelam o ritmo de

um contador de histórias que segue o fluxo dos fatos de maneira infantil, sem estabelecer nexos.

O fato que mais chamou a atenção foi a utilização dos referentes como "ele", "ela", "esse" que, ao invés de cumprirem função econômica dentro do discurso, dão margem à confusão na medida em que não têm muito claros os antecedentes a que se referem. Criar um contexto claro, passar informações claras aos leitores não foi preocupação dos adolescentes, entre outros fatos porque a TV parece dar impressão de ter um código tão claro e universal que torna qualquer explicitação desnecessária. Uma amostra:

"JR não se importa com Suellem, por isso ela arruma ajuda de seu advogado, ele por sua vez que tinha conhecidos na polícia consegue prender a pessoa que a perseguia e acabam descobrindo onde encontrava-se o relatório". (fragmento)

Emprego problemático de conectivos (principalmente os relativos), de gerúndio, de referentes etc., aponta para o abismo existente entre a fala coloquial e a norma escrita,

sem que se possa creditar à TV a responsabilidade pelos relatos obscuros apresentados. O que talvez se possa atribuir à TV e aos demais meios de difusão é o dano que causa a apoloquia do rápido, do simultâneo e do fugaz. A ausência de preocupação com a clareza e a inteligibilidade do texto não deveria existir em adolescentes que alcançaram a fase do pensamento formal. O pensamento lógico, dedutivo e reflexivo, deveria expressar-se através do uso adequado de conectivos que dessem conta dos nexos causais e temporais. A falta de tempo para pensar, refletir seria a causa dessa espécie de bloqueio mental que impede adolescentes de utilizarem o potencial que virtualmente possuem? Seria o dano causado pelo domínio do rápido, pronto e fácil tão extenso? Difícil saber.

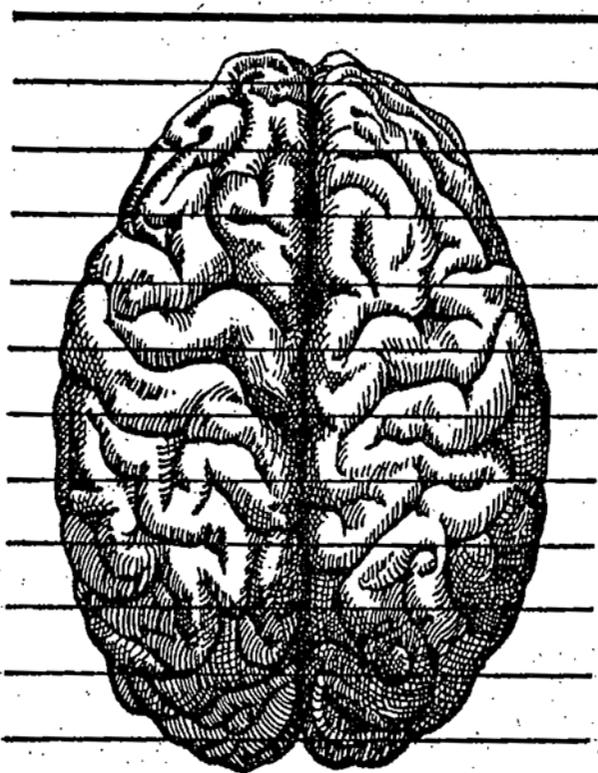
"Last but not least": o abismo entre o oral e o escrito - alargado pelo rádio e pela TV - sublinha o desprestígio da linguagem escrita, do livro, da literatura. Ao resgatar a palavra, talvez possamos contribuir para sanar a "atrofia conjuntural" revelada pe-

los textos de alunos e para reinstalar o indivíduo como su jeito de seu discurso. Para que os indivíduos deixem de exp_u sar uma realidade forjada, comum a todos (verdadeiramente o "lugar-comum"), a escola preci sa de professores críticos e atentos, dispostos a reverem o

próprio ensino, a promoverem mudanças.

A experiência didática re latada seguiu intuições, palpi tes, ainda tateia, engatinha , buscando meios de viabilizar , pedagogicamente, um trabalho que retome o contato com o un_i verso extra-escolar, que leve

o aluno a ser menos ingênuo em relação aos meios de difusão de massa. Variar as experiên cias didáticas, treinar o domí nio da linguagem em suas diver sas modalidades, inclusive te levisiva - eis um caminho pos sível, pouco explorado.



AREA NON EDIFICANDI - VS.